

reconstituir a imprensa da época, tomando como típico o caso do *Correio da Manhã*, Lima Barreto escrevia: “Antigamente, entre nós, o jornal era de Ferreira de Araújo, de José do Patrocínio, de Fulano, de Beltrano. . . Hoje de quem são? A *Gazeta* é do Gaffrée, o *País* é do visconde de Moraes ou do Sampaio e assim por diante. E por detrás dela, a imprensa, estão os estrangeiros, senão inimigos nossos, mas quase sempre indiferentes às nossas aspirações. . .”(205)

Não havia o que lastimar, entretanto: Lima Barreto sentia a transformação da imprensa brasileira, verificava o contraste entre aquela fase do jornal de circunstância, arrimado a uma figura de prestígio, e a nova fase, a da empresa jornalística cada vez mais complexa e cada vez mais inserida na complexidade de estrutura social em mudança, emergindo progressivamente a burguesia. A passagem ao jornalismo de empresa era, entretanto, etapa historicamente necessária; significava avanço; o jornalismo individual é que estava superado.

Imprensa e literatura

O domínio oligárquico, a política de estagnação, a pausa no desenvolvimento do país, traços da consolidação republicana, nos termos em que, finda a tormenta do florianismo, fora colocada pelo latifúndio agora indiscutido em sua primazia, trouxe uma fase de repouso, de empobrecimento, de esterilidade em nossas letras. Como literatura e imprensa se confundiam, então, as repercussões no periodismo eram inevitáveis. Daí a linguagem de baixa literatice dos jornais, que surpreende os que hoje percorrem as folhas do tempo e de que fornecemos alguns exemplos. Em 1901, Veríssimo espantava-se da situação das letras brasileiras, “nas desgraçadíssimas condições materiais e morais de nosso país”(206). Ainda antes, o crítico havia verificado a anomalia: “A nossa sociedade é formada de elementos heterogêneos, não tem portanto originalidade, e a nossa vida é toda artificial. Essa artificialidade toma, no Rio de Janeiro, onde em geral vivem os nossos escritores, enormes proporções”(207). Crítico posterior confirmaria as grandes linhas desse quadro melancólico: “Juntem-se ainda a fraca repercussão das obras literárias em nossa terra, o mau negócio que representa aqui a profissão de escritor e as dificuldades com que por muito tempo

(205) Lima Barreto: *Recordações do Escrivão Isaías Caminha*, S. Paulo, 1956, pág. 134.

(206) José Veríssimo: *Estudos de Literatura Brasileira*, 4ª série, Rio, 1910, pág. 259.

(207) José Veríssimo: *Estudos Brasileiros* (1877-1885), Pará, 1889, pág. 7.